



“Vamos conversar sobre seu filho?”: relato de experiência de intervenção em grupo na comunidade

**Aline Groff Vivian
Claudia Corrêa da Rocha
Josieli Freitas de Oliveira
Kátia Pereira Agra
Mara Cristiane von Muhlen
Luciane Agostini**

Resumo: Ações de prevenção e promoção à saúde são realizadas com o intuito de ampliar o acesso integral de moradores de uma comunidade através de sua participação em diferentes atividades. Esse relato de experiência tem como objetivo apresentar um trabalho de intervenção psicossocial em grupo de pais, em uma comunidade na Região Metropolitana de Porto Alegre. Foram realizados 17 encontros, entre julho e dezembro de 2013, conduzidos por acadêmicas de Psicologia e supervisionadas por professora psicóloga. Participaram dos grupos 118 pais e familiares, com idades a partir de 25 anos. A duração dos encontros foi, em média, de 90 minutos, com frequência quinzenal. Temas ligados às conflitivas do desenvolvimento infantil e da adolescência e os desafios da criação dos filhos foram discutidos. Os resultados foram analisados à luz da literatura, a partir das repercussões da intervenção para os pais e cuidadores. Destacou-se o benefício da troca de experiências e informações entre os participantes. O trabalho em grupo ofereceu orientações de forma preventiva quanto às questões ligadas aos conflitos familiares inerentes ao desenvolvimento dos filhos, com destaque para a promoção da saúde e da qualidade de vida dos participantes.

Palavras-chave: Grupo de pais. Intervenção Psicossocial. Promoção e Prevenção da saúde

“Let’s talk about your child?”: Experience report on group intervention in the community

Abstract: Prevention and health promotion interventions are carried out in order to extend the full access of residents of a community through their participation in different activities. This experience report aims to present a psychosocial intervention group of parents in a community of Porto Alegre Metropolitan Region. Seventeen meetings were performed between July and December 2013, conducted by Psychology students and supervised by a professor psychologist. The participants totalized 118 parents and family members, aged from 25 years on. The meetings lasts on average 90 minutes, with fortnightly basis. Topics related to conflicts on child and adolescent development and the challenges of parenting were discussed. The results were analyzed according to the literature, considering the impact of the intervention for parents and caregivers. The author’s emphasized the benefit of the exchange of experiences and information among participants. Group work preventively offered guidance on issues related to family conflicts inherent to human development, emphasising health promotion and the life quality of the participants.

Keywords: Group of parents. Psychosocial intervention. Health Promotion and Prevention.

Introdução

Dentre os papéis desempenhados pela Universidade espera-se, além da produção de conhecimento, sua participação efetiva na comunidade em que está inserida, através de intervenções multidisciplinares. Em se tratando da área da saúde, a Psicologia também necessita abranger em suas práticas áreas de atuação voltadas para as demandas comunitárias de caráter psicossocial (Gobi, Câmara, Carlotto & Nakamura, 2004).

A ação do psicólogo contemporâneo precisa se caracterizar por uma formação teórico-metodológica, construída de forma sólida que lhe permita intervir em aspectos sociais presentes no cotidiano das comunidades. Observa-se a importância desse profissional conhecer a realidade local, bem como não impor valores ou apresentar conteúdos deslocados da prática (Lara Junior & Ribeiro, 2009). As autoras ainda referem que uma intervenção psicossocial não diz respeito a um processo unidirecional, tendo em vista que sua inserção interfere e modifica determinada realidade. Ao contrário, refere-se ao aporte de conhecimento direcionado às habilidades dos sujeitos, tendo em vista que os seres humanos são capazes de alterar suas condições de vida e reverter suas dificuldades.

Dentre os aspectos a serem levados em conta nas intervenções psicossociais, o psicólogo deve auxiliar no desenvolvimento de mecanismos que revertam a ideia de que não é possível gerar mudanças dentro das comunidades. Nesse sentido, Ansara e Dantas (2010) referem que o fatalismo é considerado o responsável pela resignação e desmobilização das maiorias populares. Consonante a essa concepção, as autoras salientam que o papel do psicólogo é fazer repensar os discursos, colocando o sujeito como ator principal da sua própria história.

Gama e Koda (2008) também discorrem sobre o papel do psicólogo que vem se destacando paulatinamente nas últimas décadas, na área da saúde pública. Nesse processo, enfatiza-se o fortalecimento das ações preventivas que possibilitam à Psicologia a inserção de modo efetivo no campo da saúde pública. Conforme Bittencourt e Mateus (2006), a atuação do psicólogo no campo da saúde pública pode abarcar tanto orientação às equipes de saúde quanto atividades com grupos específicos, visando a promoção da saúde. Nesse contexto, incluem-se os trabalhos realizados com grupos de pais.

Sabe-se que transformações vigentes na sociedade atual acarretam dúvidas sobre a forma como os pais devem exercer seus papéis diante dos filhos, sejam estes crianças ou adolescentes. Biasoli-Alves (2005) refere que essas alterações exigem das gerações mais velhas uma postura mais firme acerca dos valores fundamentais que permeiam as relações interpessoais e que estes precisam ser conhecidos e respeitados.

As dificuldades encontradas pelos pais para lidar com seus filhos podem ser resultado da falta de informação e de orientações que lhes permitam a compreensão daquilo que é esperado para aquela faixa etária no que concerne aos diversos âmbitos da vida e aquilo que não condiz com os aspectos típicos do desenvolvimento. Nesse sentido, é de extrema relevância que intervenções psicossociais sejam realizadas pela Psicologia junto a esses pais, traçando temáticas a serem discutidas dentro da necessidade real dos pais em questão (Soraia & Dantas, 2010).

Com o intuito de promover um espaço de trocas de informações, conforme as demandas da comunidade, foi realizada a ação de extensão “*Vamos conversar sobre seu filho?*”: *intervenção em grupo na comunidade*. O trabalho desenvolvido procurou fazer um levantamento das questões que mais afligiam os pais em relação aos seus filhos, o que resultou em temáticas de discussão como: conflitos, limites, sexualidade, violência e psicopatologia da infância e adolescência. Os temas foram abordados à luz do referencial da psicologia do desenvolvimento de forma que teoria e experiências trazidas pelos participantes pudessem ser integradas. Procurou se identificar fatores de conflitos na relação pais/filhos, possibilitando-se, assim, formas de compreensão dos aspectos pontuais trazidos à tona em cada encontro. Portanto, este artigo tem como objetivo apresentar o relato de experiência de uma intervenção psicossocial, desenvolvida através de grupo de pais em uma comunidade na Região Metropolitana de Porto Alegre.

Método

O presente trabalho integrou um projeto de extensão universitária multidisciplinar, intitulado “Promoção e Educação para a Saúde da População da Área 26: UBS Vila União”, realizado pelo Curso de Enfermagem, em parceria com os cursos de Psicologia, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Farmácia de uma Universidade privada da região metropolitana de Porto Alegre.

Para a ação da Psicologia, em um primeiro momento foi utilizado um protocolo de levantamento de necessidades desenvolvido para esta intervenção, no qual os participantes elencaram os temas trabalhados nos encontros quinzenais. Cabe destacar que os 17 grupos, tiveram duração média de 90 minutos, com início em julho e término em dezembro de 2013. Os encontros foram coordenados por acadêmicas de Psicologia, sob a supervisão de uma professora do curso.

A divulgação do trabalho contou com a participação de Agentes Comunitárias de Saúde, bem como com o contato direto das estagiárias com integrantes e associações da comunidade, além dos pais convidados diretamente a participar. Também, foram fixados cartazes-convite em uma Unidade Básica de Saúde. Desta forma, obteve-se uma participação expressiva de 118 pais ou cuidadores com idades a partir de 25 anos. Percebeu-se uma heterogeneidade nos grupos que oscilaram entre 1 e 37 participantes, em uma atividade prevista na comunidade. Foram incluídos no grupo todos os pais interessados, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Após o levantamento das necessidades apontadas pelos participantes, foi desenvolvido um calendário de atividades a serem desenvolvidas. Em cada encontro, após a apresentação e discussão da temática em questão à luz da teoria, os pais foram estimulados a relatar situações cotidianas sobre as quais gostariam de obter esclarecimentos com o propósito de superação de dificuldades ou tomada de decisões.

De forma paralela, eram apresentadas informações concernentes ao desenvolvimento infantil e da adolescência para situar questões inerentes à fase discutida, apontando para

divergências e similaridades entre os relatos. Dessa forma, permitiu-se aos pais opiniões e análises próprias, favorecendo a capacidade de pensar formas alternativas de lidar com as situações de conflitos.

No décimo sexto encontro foi trabalhado a temática ‘cuidando do cuidador’, um momento para que os participantes olhassem para suas próprias necessidades, considerando que para cuidar de alguém se precisa ter sido cuidado. O décimo sétimo encontro foi de encerramento e de *feedback* sobre o trabalho desenvolvido com ênfase em aspectos positivos, negativos e sugestões.

Resultados e discussão

A partir dos relatos dos participantes, foram criadas duas categorias para fins de apresentação dos dados: temas trabalhados, impacto da intervenção para os participantes e para as acadêmicas extensionistas.

Percepções diante dos temas trabalhados

Nessa categoria, foram descritas as percepções parentais diante dos temas trabalhados nos encontros. Os grupos de reflexão oportunizaram momentos para discussão, nos quais pais e cuidadores puderam debater temas inerentes ao desenvolvimento de seus filhos: “*eu faço de tudo por meus filhos, por isso estou aqui, tentando entender um pouco mais como lidar com esses problemas*” (S. mãe, 43a.), e “*mãe é base de tudo, é consolo e o caminho, eu tenho que ser a base para eles*” (A. mãe, 30a.).

Para Pardo e Carvalho (2011), as mães são as que mais procuram auxílio psicológico para esclarecimento de dúvidas em relação ao desenvolvimento de seus filhos, o estudo ainda aponta que o aumento do diálogo entre pais e filhos, teria a finalidade de transmitir valores e orientá-los para o futuro.

Educação e limites foram outros temas solicitados pelos participantes que tinham dúvidas se estariam criando seus filhos da melhor forma possível. Uma grande dificuldade que se observou nos relatos das mães e cuidadores foi conseguir educar os filhos de forma correta e sem conflitos, proporcionando um ambiente motivador e estimulante à criança, e muitas vezes sem a presença de um pai como na fala a seguir: “*O maior medo que eu tenho é que eu não consiga educar meu filho mais novo, eu tenho que trabalhar e cuidar dele, e às vezes não é fácil, e agora ele tá numa idade que acha que é adulto como os irmãos, e eu tento ensinar tudo que posso, mas os irmãos são piores que ele, e não quero que ele se perca na vida*” (A., mãe, 48a.).

Cada família é a base e o primeiro ambiente social que a criança conhece, e torna-se responsável por ensinar regras e a relação com os outros. Portanto, com a família as relações dos filhos com a sociedade se solidificam (Patias, Siqueira & Dias, 2012).

Algumas queixas trazidas pelos responsáveis foram conflitos familiares que em que o pai estaria presente, porém inacessível ao filho, tornando difícil a relação. Em um dos casos, o filho mais velho não conseguia ter uma boa relação com o pai que, de acordo com a mãe, era muito severo, criando assim um afastamento entre ambos. Na

percepção paterna, a mãe dava muita liberdade ao menino: “às vezes eu fico entre os dois, acontece uma situação e eu não sei o que faço? Meu problema é como lidar com isso!” (L. mãe, 32a.). Esta mãe foi orientada a entrar em acordo com o marido, quanto à questão de limites para os filhos, com ênfase na união do casal.

A literatura aponta que podem surgir dificuldades no desenvolvimento da criança em função de poucas interações entre pai e filho, que muitas vezes não vivem na mesma casa (Cia, D’Affonseca & Barham, 2004). Para evitar um distanciamento, principalmente na adolescência, é necessária flexibilidade. Nesta fase, os filhos possuem várias dúvidas e questionamentos que deverão ser entendidos e trabalhados na relação pais e filhos (Stengel, 2013).

Cada família possui uma combinação diferente de atitudes, suposições básicas, expectativas, preconceitos e convicções trazidas pelos progenitores, oriundas de sua própria família de origem. Estas crenças individuais se interligam para formar as premissas diretrizes que governam a família. Quando um dos cônjuges fica insatisfeito com o comportamento do outro com relação à cooperação acerca de um determinado problema, eles podem entrar em conflito, devido as suas divergências de pensamentos por um determinado tema a ser resolvido (Biasoli-Alves, 2005).

Nos relatos a seguir essas temáticas foram trazidas à tona: “*Ele [filho] só pode ter puxado àquela gente, são todos cheios de problemas. Isso é triste, eu queria que ele se desse bem com o pai, estou cansada de ser o porta voz dele [filho] dentro de casa*” (M. mãe, 42a.). “*A família do meu marido é sempre assim, eu digo que tem que dar limites para ela [filha], e meu marido e minha sogra discordam, acham que se deve dar liberdade para ela, porque ela teve muito doente e quase morreu, a partir daí eles fazem tudo o que ela quer, eu não concordo*” (A. mãe, 37a.).

Assim, a reprodução do modelo de funcionamento conhecido e vivido na família de origem tende a ser padrão a ser adotado na família nuclear (Papp, 1992). Diante do exposto, os conflitos decorrentes da criação dos filhos foi temática predominante nos encontros. A seguir, o impacto dessa intervenção serão apresentadas e discutidas, bem como as repercussões dessa experiência para as acadêmicas que a vivenciaram.

Impacto da intervenção para os pais e cuidadores

Nessa categoria foram elencadas as contribuições da intervenção, relatadas de forma espontânea pelos participantes do grupo. Os pais e familiares referiram de que maneira se sentiram beneficiados por terem feito parte dos encontros, agradecendo a possibilidade de serem acolhidos, orientados e escutados pelos profissionais da psicologia: “*ô Ditora, vocês foram a melhor coisa do dia, gostei demais da palestra*” (D. pai, 40a.); “*como é bom vir aqui e ver que nossos problemas, às vezes, são menores do que os de muita gente, estou me sentindo muito bem*” (A. mãe, 48 a.).

A UBS onde ocorreu a ação de extensão não tinha, até aquele momento, profissional psicólogo em seu quadro de colaboradores. Assim, o acesso às intervenções em grupo da psicologia também foi destacado pelas participantes: “*fiquei muito feliz quando soube que tinha psicólogas aqui, logo pensei na minha neta porque não posso pagar particular*” (A. avó, 49a.); “*foi muito bom o trabalho de vocês, gurias. A gente*

aprendeu muito e fez com que a gente pensasse nas coisas de um jeito diferente. É importante a gente ter mais momentos assim. Tomara que ano que vem vocês continuem vindo aqui” (R. mãe, 38 a.); *“foi muito bom porque a gente pode misturar a vivência da gente com o que vocês aprendem nos livros, porque só os livros é pouco, mas a gente que vive as coisas precisa da ajuda das pessoas que estudam sobre as coisas, porque a gente nem sempre sabe como agir”* (R. mãe, 61 a.).

Através dos relatos, percebeu-se que ensinar e aprender se configura como uma díade indissociável. O conteúdo que se encontra na literatura só tem sentido quando aliado à vivência cotidiana. Nesse sentido, Martins (2007) salienta a importância de que se desenvolvam relações sociais que se efetivem por meio da comunicação e cooperação interpessoais, relações essas, permeadas por necessidades comuns a serem satisfeitas, ancoradas em atividades planejadas de forma conjunta implicando envolvimento de diversos indivíduos.

Para as acadêmicas que se envolveram no projeto, o reconhecimento da comunidade foi uma importante repercussão. De acordo com uma delas: *“A maior satisfação que eu levo do grupo na UBS, foi conseguir contribuir de forma tão singela com conhecimentos básicos sobre a relação pai e filho, com temas que muitas vezes a população desconhece. Poder receber de um pai ou cuidador uma palavra de carinho, um agradecimento por estarmos ali dispostos a ouvi-los e orientá-los e aprender muito com cada um, cada realidade, respeitando as diferenças. Poder fazer um trabalho em comunidade contando com colegas ativas e dispostas a fazer o grupo acontecer, mesmo com as diversas dificuldades que a inserção deste grupo de pais nos propôs, ir em frente mesmo assim”*.

Para outra aluna, a oportunidade de integração teórico-prática destacou-se: *“No decorrer do curso se constrói todo um conhecimento teórico, rico em pesquisas, comprovações e metodologia científica, mas é no contato com o outro, com as experiências singulares de cada sujeito que esse conhecimento acaba por criar um significado de vida útil. É como tirar da estante um livro, abri-lo, e permitir que os personagens descritos naquele livro criem vida. E no contato com a vida do outro que a nossa vida e o nosso trabalho adquirem sentido”*.

Diante do exposto, ações como essa intervenção visam contribuir para a promoção da saúde e aprimorar a participação e inserção de profissionais com distintas formações, favorecendo a saúde coletiva (Paiva & Ronzani, 2009). Tendo em vista o caráter inédito da intervenção naquela comunidade, considerou-se que a adesão dos participantes foi satisfatória podendo, contudo, ser ainda maior na medida em que o trabalho se torne conhecido pela população. Para o próximo ano, além de iniciar as atividades no primeiro semestre, o curso de Psicologia contará com a presença e participação de uma residente em saúde comunitária.

Sendo assim, considera-se que o presente trabalho em grupo de pais favoreceu a troca de experiências acerca dos conflitos vivenciado pelas famílias da comunidade, propiciando um espaço de reflexão e criação de estratégias para enfrentar os desafios de seu cotidiano (Souza, Colomé, Costa & Oliveira, 2005). Os próprios participantes destacaram as repercussões da intervenção, bem como as acadêmicas que se envolveram

diretamente nos grupos. Nesse sentido, a continuidade dessas ações, bem como a maior integração com os demais cursos das áreas da saúde pode favorecer a ampliação do escopo desse trabalho.

Referências

- Ansara, S. & Dantas, B. S. A. (2010). Intervenções psicossociais na comunidade: Desafios e práticas, *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 95-103.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (2005). Orientação de pais: partilhar conhecimentos sobre desenvolvimento e práticas de educação como estratégia de intervenção. *Texto Contexto Enferm, Florianópolis*, 14(2), 64-70.
- Bittencourt, R. A. A. & Mateus, M. L. F. (2006). Possibilidades de atuação do psicólogo no programa saúde da família: a experiência de Bonito-MS. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26(2), 328-343.
- Cia, F., D'affonseca, S. & Barham, E. J. (2004). A relação entre o envolvimento paterno e o desempenho acadêmico dos filhos. *Paidéia*, 14(29), 57-80.
- Gama, C. A. P. & Koda, M. Y. (2008). Psicologia comunitária e programa de saúde da família: relato de uma experiência de estágio. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28(2), 418-429.
- Gobi, M. D., Câmara, S. G., Carlotto, M. S. & Pepe, A. (2004). Intervenções psicossociais na comunidade de Canoas: uma proposta do Curso de Psicologia da ULBRA Canoas. *Aletheia*, 19(3), 89-98
- Lara Júnior, N. & Ribeiro, C. T. (2009). Intervenções psicossociais em comunidade: contribuições da psicanálise. *Psicologia & Saúde*, 21(1), 91-99.
- Martins, S. T. F. (2007). Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar sentir em Sivia Lane. *Psicologia & Sociedade*, 19(2), 76-80.
- Paiva, F. S. & Ronzani, T. M. (2009). Estilos parentais e consumo de drogas entre adolescentes, *Psicologia em Estudo*, 14(1), 177-183.
- Papp, P. (1992). O Processo de mudança, uma abordagem prática à terapia sistêmica da família. Artes Médicas, Porto Alegre.
- Pardo, M. & Carvalho, M. M. S. B. (2011). Grupo de orientação de mães no contexto de uma clínica-escola. *Paidéia*, 21(48), 93-100.
- Patias, N., Siqueira, A. C. & Dias, A. C. G. (2012). Bater não educa ninguém! práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar. *Educ. Pesqui.*, 38(4), 112-123.
- Soraia, A., & Dantas, B. S. A. (2010). Intervenções psicossociais na comunidade: desafios e práticas. *Psicologia & Saúde*, 22(1), 95-103.
- Souza, A. C., Colomé, I. C. S., Costa, L. E. D. & Oliveira, D. L. L.C. (2005). A educação em saúde com grupos na comunidade: uma estratégia facilitadora da promoção da saúde. *Rev Gaúcha Enferm*, 26(2), 147-153.
- Stengel, M. (2013). Discursos de pais e mães sobre a amizade em famílias com filhos adolescentes. *Paidéia*, 21(49), 158-173.

Recebido em dezembro de 2013

Aceito em maio de 2014

Aline Groff Vivian: Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia (UFRGS). Professora do Curso de Psicologia (ULBRA Canoas) e supervisora do projeto.

Claudia Corrêa da Rocha: Acadêmica do Curso de Psicologia (ULBRA Canoas), Bolsista de Extensão.

Josieli Freitas de Oliveira: Acadêmica do Curso de Psicologia (ULBRA Canoas), Bolsista de Extensão.

Kátia Pereira Agra: Acadêmica do Curso de Psicologia (ULBRA Canoas), Voluntária de Extensão

Mara Cristiane von Muhlen: Acadêmica do Curso de Psicologia (ULBRA Canoas), Voluntária de Extensão e Bolsista PROBIC-FAPERGS.

Luciane Agostini: Acadêmica do Curso de Psicologia (ULBRA Canoas), Voluntária de Extensão.

Endereço de contato: avivian@terra.com.br